

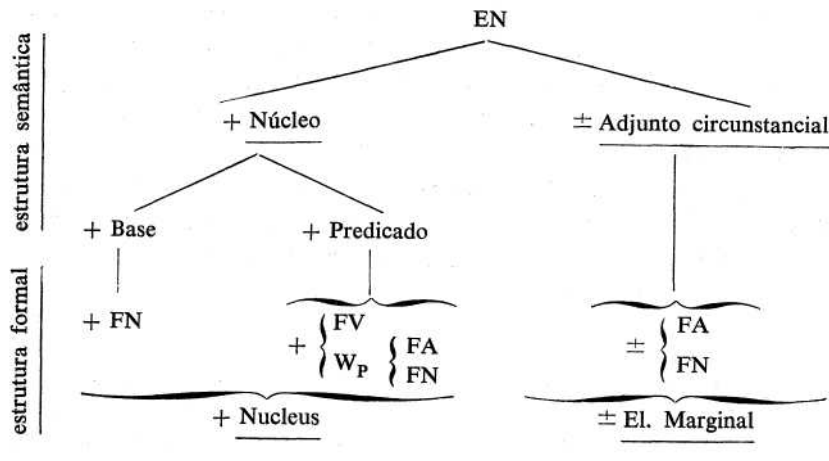
A CENTRALIDADE DO VERBO NO ENUNCIADO

1. Apresenta-se o Enunciado (EN) como a articulação de dois blocos²: o primeiro, obrigatório, constitui uma unidade de predicação, estruturada em dois termos correlativos (Base e Predicado) que se moldam, respectivamente, em functema nominal (FN) e functema verbal (FV), ou em FN e functema adjectival (FA) ou FN reunidos por um auxiliar do Predicado (W_P); o segundo bloco, facultativo, constitui um adjunto circunstancial, que determina globalmente a unidade de predicação, sobre que incide.

À unidade de predicação convém a designação de Núcleo do EN; à unidade formal em que se realiza cabe a denominação de Nucleus.

O adjunto circunstancial (que se concretiza em FN ou em FA) receberá o nome de Elemento Marginal do EN, em consonância com o seu estatuto de termo facultativo, periférico, na configuração semântico-funcional e formal do EN.

Esta organização geral do EN pode ser condensada na seguinte representação:



* Investigação subsidiada pelo C. I. 96/85 da Universidade do Porto. ¹
Ver POTTIER, B., *Linguistique Générale. Théorie et Description*.
Paris, 1974.

Esta é a estrutura geral do EN simples. A reunião, por coordenação, de dois ou mais ENs simples conduz a um EN composto.

O EN simples comporta um único Núcleo e, eventualmente, um ou mais adjuntos circunstanciais. A realização de algum dos functemas em EN transferido (*sub-ordenado*) ocasiona a recorrência num mesmo EN simples da estrutura apresentada.

2. Como se sabe, em muitas línguas é possível a projecção de ENs sem Base de predicação (sem sujeito) — mas nunca há lugar para ENs sem Predicado. Este, enquanto termo consubstanciador da predicação, que constitui o próprio objecto do acto comunicativo vasado no EN, ganha aí um natural relevo. A análise dos elementos formais que realizam o Predicado mostra que nele está regularmente presente uma lexia verbal em forma pessoal².

Esta presença regular de uma lexia verbal no EN — ou, mais exactamente, no próprio núcleo predicativo do EN — indicia que o verbo preenche nesta unidade linguística um papel fundamental, a que me referirei sob a designação de *centralidade do verbo no EN*.

Nos números que se seguem procurarei referenciar as principais zonas de indicações deste papel singular que cabe ao verbo no EN.

3.1. Uma primeira dimensão da centralidade do verbo (V) no EN provém da própria significação categorial dessa classe de lexias, isto é, do facto de que nelas se apreende linguisticamente um dado estado de coisas como *processo*. O dinamismo que, nesta base, é inerente ao verbo (e que se traduz em particular nas significações, que nele se acumulam, de modo, tempo, aspecto, pessoa-número e voz) é indispensável à constituição de um EN. Como se vê, tal função básica é independente do conteúdo estritamente lexemático de V. A lexia verbal *ser* encarna esta *função verbal* constitutiva de EN no seu «estado puro». Como auxiliar do Predicado que é, *ser* surge

² Há duas observações a fazer: (i) deixo de lado a chamada *frase nominal* e também os casos em que, como nas línguas semíticas, o Predicado surge como estritamente nominal (sem a presença do verbo); (ii) nos ENs em que opera um auxiliar do Predicado, o Predicado reside basicamente no FA ou FN ditos correntemente «predicativos do sujeito». No entanto, como se anotará mais abaixo, o auxiliar do Predicado participa também na predicação na razão directa da densidade da sua carga sémica específica.

no EN basicamente como *índice verbal*, como *suporte* daquelas categorias modo-temporais-aspectuais e de pessoa-número e voz³.

A centralidade de V no EN consubstancia-se, pois, imediatamente na própria viabilização desta unidade, a cuja configuração é indispensável o dinamismo específico que o verbo comporta, particularmente marcado quando este surge actualizado em forma pessoal.

3.2. Esta primeira dimensão da centralidade de V no EN prolonga-se por um outro aspecto: as categorias de modo, tempo, aspecto, pessoa-número e voz, respeitando embora, imediatamente, ao verbo e nele se manifestando⁴, afectam, na realidade, todo o EN. Como escreve L. Hjelmslev, «Les morphèmes dits verbaux appartiennent à la phrase prise dans son ensemble, et non au verbe seul»⁵.

Esta generalização a todo o EN de significações especificamente cumuladas no verbo actualizado em forma pessoal constitui um momento particular da centralidade de V no EN, desenhado, como se fez notar, em congregação com a *função verbal* que ele preenche naquela unidade linguística.

4. Cumula-se com a primeira dimensão da centralidade do verbo no EN (no duplo aspecto assinalado) uma segunda, a saber, a que tange ao exercício de uma *função coesiva*, «qui est d'organiser en une structure complete les éléments de l'énoncé»⁶.

Convirá captar adequadamente esta nova dimensão da centralidade de V no EN⁷.

³ Os outros auxiliares do Predicado desempenham também imediatamente no EN esta mesma função básica de *índice verbal*. Ver, porém, nota 2 (ii) e mais abaixo.

⁴ Observar-se-á que nem sempre tal manifestação se dá estritamente no corpo do verbo: é conhecido a este respeito o papel dos auxiliares e (quanto à expressão dos valores aspectuais) também o de elementos de localização temporal ou temporal-aspectual.

⁵ HJELMSLEV, L., *Essais Linguistiques*, Paris, 1971, p. 195. Tenha-se presente a sua noção de *morfemas extensos*.

⁶ BENVENISTE, E., *Problèmes de Linguistique Générale*, Paris, 1966, p. 154.

⁷ Para uma análise mais demorada das forças coesivas originadas em V ou a ele articuladas, ver FONSECA, J., *Coesão em Português. Semântica-Pragmática-Sintaxe*, Porto, 1981.

4.1. Decorre imediatamente do facto de que no verbo se configura linguisticamente um processo o recorte de uma série de forças coesivas básicas, actantes no todo do EN.

4.1.1. Desenhando um processo, o verbo viabiliza a afectação dos FNs presentes no EN (como termos da construção sintáctica, quer nucleares quer extranucleares) a papéis semântico-funcionais (*casuais*).

Porque orientado por natureza para a assumpção de um papel semântico-funcional no quadro de um EN, por força da sua potencial articulação a um processo instituído por um verbo, todo o elemento nominal comporta no seu semantismo traços casuais virtuais, que serão seleccionados e projectados especificamente em discurso de acordo com a configuração actancial do verbo⁸ e, também, com a solução formal que revista a sua actualização⁸.

4.1.2. Prende-se também ao desenho, que o verbo estabelece, de um processo a instauração de acordos ou correlações de tempo entre ele e elementos que no EN assinalam determinações temporais. Na perspectiva temporal aberta pelo verbo se inscreverão aquelas determinações — do que resulta o recorte no EN de afinidades, com concordâncias e correlações de alto valor coesivo⁹.

Algo de similar ocorre no domínio do aspecto. Elementos que exprimem determinações temporais e aspectuais (o tempo verbal, auxiliares, sintagmas circunstanciais pontuais, durativos e frequenciais) congregam-se especificamente com os diversos tipos de predicadores verbais (por si mesmos também portadores de um valor aspectual de base) na configuração do aspecto. Entre o verbo e esses elementos projectam-se, pois, combinatórias particulares com uma resultante global, o que atesta um inter-relacionamento específico que é índice de coesão pelas afinidades e acordos que envolve.

4.1.3. Liga-se, finalmente, e também de modo imediato, ao desenho, que o verbo estabelece, de um processo a integração formal do Elemento Marginal no EN. Efectivamente, como adjunto circuns-

⁸ Ver mais abaixo.

⁹ Algumas destas concordâncias ou correlações cabem, como se sabe, no domínio da *consecutio temporum*, designadamente as que se projectam entre V e um outro verbo que é o centro organizador de EN transferido a FN, complemento de V.

tancial que é, o Marginal suscita como pólo de incidência um processo. Conferindo, via Predicado, um carácter dinâmico (no sentido acima especificado) ao Núcleo, o verbo torna-o apto a constituir-se em pólo de incidência daquele termo da construção sintáctica do EN. A ligação formal do Marginal ao Núcleo radica, pois, neste nexos particular de incidência sobre um processo.

4.2. Outras dimensões da função coesiva do verbo no EN são indissociáveis do seu conteúdo lexemático.

4.2.1. Analisarei, em primeiro lugar, dimensões integrativas que radicam no verbo enquanto configurador de uma *estrutura actancial*, que constitui, como se verá, um complexo significativo básico no semantismo do verbo.

Na senda de B. Pottier¹⁰, direi que a estrutura actancial (ou o módulo semântico) de um verbo comporta duas grandes zonas de indicações, intimamente articuladas, que passo a apresentar sumariamente.

1) Zona de indicações semântico-sintácticas

d) Especificam imediatamente estas indicações o número e a natureza (trata-se de elementos nominais) dos termos directa e necessariamente envolvidos no processo enunciado em V como seus participantes ou circunstantes.

Estes termos nominais (por natureza ou por transferência) são, como se escreveu, necessariamente suscitados pelo verbo e complementam a sua configuração lexemática. Direi que são *consignificados* por V, ou seja, que são com ele memorizados em competência, perfazendo aí um esquema semântico-sintáctico virtual, um *modelo construcional*, subjacente aos empregos de V¹¹.

b) Especificam ainda as indicações semântico-sintácticas de estrutura actancial do verbo

¹⁰ Ver, fundamentalmente, POTTIER, B., *ob. cit.*, e «Les voix du français. Sémantique et Syntaxe», in *Cahiers de Lexicologie*, XXXIII-II (1978). Ver também FONSECA, J., *ob. cit.*

¹¹ Este modelo construcional ficará plenamente recortado com as informações congregadas na alínea seguinte e, mais abaixo em 2).

- l) restrições de selecção dos complementadores, envolvendo, como se sabe, acordos referidos a semas genéricos do clasema;
- ii) a ordenação linear de base dos complementadores;
- iii) o modo de articulação de V aos complementadores dele virtualmente homossintagmáticos (envolvendo ou não a presença de relator — que V também selecciona — e configurando, respectivamente, uma incidência indirecta ou directa de V sobre eles);
- iv) o estatuto de complementadores objectivos ou circunstanciais (locativos) — informação que respeita apenas aos complementadores virtualmente homossintagmáticos de V;
- v) o modo de construção dos complementadores em actância ou em dependência (neste último modo se constróem regularmente os complementadores locativos);
- vi) eventuais alternâncias ou condicionamentos na realização formal dos complementadores (realização em FN por natureza ou em FN por transferência de EN).

2) Zona de indicações semânticas de Caso e de Voz

a) Indicação semântica de Caso.

O semantismo do verbo comporta a *consignificação* de relações, de raiz lógico-conceptual, que a ele conectam os seus complementadores modulares (ou actanciais) e, através dele, os complementadores entre si. Estas relações — *casuais* — assinalam funções ou papéis específicos a que os complementadores são afectados.

b) Indicação semântica de Voz

Comporta finalmente a lexia verbal a *consignificação* de Voz, que respeita ao tipo de relação — *Existencial, Equativo, Situativo, Descritivo, Possessivo, Subjectivo*¹² — instaurada entre a predicação enunciada em V (ou em V e seus actantes virtualmente homossintagmáticos) e o actante virtualmente afectado ao papel de Base dessa predicação.

¹² Ver POTTIER, B., «Les voix du français. Sémantique et Syntaxe», in *Cahiers de Lexicologie* XXXIII-II (1978) e também POTTIER, B., *Linguística Geral. Teoria e Descrição*, Rio de Janeiro, 1978 (tradução e adaptação portuguesa de *Linguistique Générale. Théorie et Description*, Paris 1974) pp. 109-118.

Convirá anotar que o complexo semântico-funcional e formal que se contém, nos termos apresentados, na estrutura actancial do verbo se situa em competência como esquema virtual fixo. Isto é, cada lexia verbal suscita regularmente em competência um número determinado de funções actanciais e respectivos pólos (especificados estes nos seus traços categoriais e semânticos-funcionais de base) e um dado tipo de voz¹³. Por isso, tal complexo de informações não só se revela plenamente caracterizador da lexia a que respeita como sobretudo constitui uma *constante semântico-funcional e formal* profunda, que suporta toda a utilização em discurso dessa mesma lexia.

Tal esquema virtual concretiza-se em discurso mediante a projecção de operações de enunciação, que, em função das finalidades comunicativo-expressivas do locutor, orientam essa existência virtual para uma existência real vasada em soluções formais diversificadas permitidas pela língua, nas quais se actualizam valores semânticos e efeitos de sentido variados. Deste modo, o carácter fixo, em competência, das indicações modulares do verbo não tolhe a liberdade de opção semântico-funcional e sintáctica por parte do locutor, que organizará a construção dos seus ENs a partir de diferentes «pontos de vista» ou de diferentes «visões», com a eventual economia ou com a valorização (por tematização, focalização...) de algum ou alguns dos termos actanciais.

Em sintonia com o que se acaba de apresentar, dir-se-á que o verbo, pelas dimensões que preenchem a sua estrutura actancial, comporta uma força integradora singular: ele põe-se em relação (semântico-funcional e formal) com os seus actantes e põe os seus actantes em inter-relação (semântico-funcional). Por esta via, ele revela-se constituir não apenas a trave-mestra da organização do EN, mas sobretudo, e antes disso, um *EN em potência*, pois, como se tentou mostrar, ele desenha a compresença e as funções dos termos constitutivos do EN (que perfazem o Núcleo) e bem assim forças integra-

¹³ O carácter fixo, em competência, das informações contidas na estrutura actancial ou modular de V constitui um momento fundamental de demarcação da teoria casual de B. POTIER em relação à que suporta a Gramática de Casos de Ch. J. Fillmore. O mesmo sucede, no que respeita às dimensões semântico-sintácticas, em relação às investigações hoje correntes no domínio da valência do verbo ■—desenvolvidas, de resto, numa base predominantemente sintáctica, e excessivamente agregadas aos empregos.

tivas basilares que suportam todo o EN como unidade semântico - funcional e formal.

W. Chafe¹⁴ desenvolve uma noção de centralidade de V na frase que contempla alguns dos aspectos considerados aqui a partir da estrutura actancial do verbo. Para este Autor, o verbo «determines what the rest of the sentence will be like; in particular [...] it determines what nouns will accompany it, what the relations of these nouns to it will be, and how these nouns will be semantically specified»¹⁵. Por isso, o verbo apresenta-se na visão de W. Chafe como «the control center of a sentence, determining by its own internal specification what the rest of the sentence will contain»¹⁶.

Reconhecer um tal papel ao verbo significa, visivelmente, estabelecer, como pela minha parte venho fazendo, uma raiz semântica para a boa formação do EN. W. Chafe não só o faz¹⁷ como também avalia as relações verbo-nome(s) (configuradas por V) como «the backbone of semantic structure»¹⁸ — estrutura semântica essa que deve ser tomada como estando «at the heart of an adequate theory of language»¹⁸.

4.2.2. A regência modal constitui um nexos de elevado valor coesivo estritamente originado na configuração sémica do lexema de certos verbos. Eventuais alternâncias possíveis no modo regido (presente em EN *sub-ordenado*, transposto a FN, e, como tal, complementador do verbo regente) põem em evidência a forte ligação desses verbos à subjectividade do enunciador. Comparem-se:

¹⁴ CHAFE, W., *Meaning and Structure of Language*, Chicago, 1970. Ver especialmente capítulos 9, 10 e 12.

¹⁵ CHAFE, W., *ob. cit.*, p. 97. Anote-se que a especificação semântica dos nomes operada pelo verbo respeita em W. CHAFE não apenas aos traços genéricos do semema que actuam nas restrições de selecção, mas também à definição semântico-funcional desses mesmos nomes em termos de casos. W. CHAFE toma os casos estabelecidos em FILLMORE, Ch. J., «The Case for Case», in BACH, E.; HARMS, R. T. (eds.), *Universals in Linguistic Theory*, New York, 1968.

** CHAFE, W., *ob. cit.*, p. 165.

¹⁷ O Autor sublinha que «It is in semantic structure that the well-formedness of sentences is determined»—*ob. cit.*, p. 59.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 10.

A CENTRALIDADE DO VERBO NO ENUNCIADO

(1) *constato* que **Pedro sai todas as noites**

	que Pedro <i>sai</i>	todas as
	que Pedro <i>saia</i>	

	que Pedro <i>saia</i> todas as noites
--	---------------------------------------

presumo

(2) *duvido*

suspeito

quero

(3) *espero*

pretendo

Os exemplos ilustram acordos ou afinidades que podem ser explorados nos termos propostos por B. Pottier, que associa a (1) o traço « + » («après, retrospectif, thétique, préssuposant»), a (3) o traço « — » («avant, prospectif, hypothétique, posant») e a (2) a alternativa « + » ou « — »¹⁹.

Esses acordos poderão ser apresentados como segue:

(1) *constato* que Pedro *sai* todas as noites

+	+	
		que Pedro <i>saia</i> todas as noites
		—

		que Pedro <i>saia</i> todas as noites
		—

quero

(3) *espero*

pretendo

presumo

(2) a *duvido*

suspeito

—

(o enunciador instaura uma *visão fortemente hipotética*)

19 Ver POTTIER, B., *Linguistique Générale. Théorie et Description*, Paris, 1974, § 86 e POTTIER, B., *Grammaire de VEspagnol*, Paris, 1979, p. 112.

(2) b		que Pedro <i>sai</i> todas as noites
		+
		<i>presumo</i>
		<i>duvido</i>
		<i>suspeito</i>
		+

(o enunciador instaura uma visão menos fortemente hipotética, *tendencialmente constativa*).

5. Uma terceira dimensão da centralidade de V no EN respeita à *função predicativa* que ele aí desempenha²⁰.

Observar-se-á que os auxiliares do Predicado participam na realização desta função predicativa na razão directa da densidade da sua carga sémica. Como se referiu acima²¹, a auxiliarização do Predicado consubstancia-se na afectação de marcas específicas da *função verbal* à relação predicativa que liga a uma Base um elemento adjectival ou nominal (Predicado). Ao papel basilar que cabe, deste modo, aos auxiliares do Predicado enquanto *índices verbais* no EN cumula-se uma participação efectiva na predicação de acordo com a carga sémica (definidora de graus de predicabilidade) de cada uma das lexias auxiliares. Significa isto que se recortam graus de auxiliarização do Predicado, escalonados justamente na razão inversa da capacidade predicativa própria de cada um dos auxiliares. Tal pode ser esquematizado como segue:

Eixo de predicabilidade dos	—	+
auxiliares do Predicado	<	
	>	
	ser	tornar-se
Eixo de auxiliarização	+	—
do Predicado	<	
	>	

Participando, pois, de modo específico na predicação, o verbo adquire no todo do EN um relevo particular, já que o Predicado é, como se anotou acima, elemento indispensável à constituição daquela unidade linguística, nele se concretizando de modo privilegiado o próprio objecto do acto comunicativo.

²⁰ Faço corresponder esta função predicativa à (um tanto obscura) *função assertiva* de que fala E. BENVENISTE, «consistant à doter l'énoncé [assertif fini] d'un prédicat de réalité». BENVENISTE, E., *ob. cit.* p. 154.

²¹ Ver 3.1.

6. A caracterização apresentada em 3.1. da *função verbal* que V desempenha no EN ocasionou uma primeira referência a dimensões significativas de índole enunciativo-pragmática carregadas pelo verbo (tempo, aspecto, modo, pessoa) que, como se viu, afectam toda aquela unidade linguística, pondo-a, globalmente, em articulação com as coordenadas da enunciação.

Considerarei agora outros aspectos do semantismo de V (ou dimensões significativas a ele ligadas de modo privilegiado) que igualmente relevam do campo enunciativo-pragmático e que configuram uma outra zona de dimensões da centralidade de V no EN. Estas dimensões não têm a generalidade da quase totalidade das anteriormente referenciadas (respeitam, como se verá, a certas classes de verbos), mas, mesmo assim, obtêm um alto valor representativo por evidenciarem aspectos importantes da centralidade de V no EN e ainda por respeitarem a domínios hoje decisivos na caracterização da natureza, organização e funcionamento das línguas.

6.1. Pode afirmar-se que o Predicado manifesta uma marcada aptidão para incorporar elementos lexicais «subjectivos» ou para se ver realizado por eles.

Os traços de subjectividade — quer inerentes à configuração sémica de certos verbos quer agregados, via auxiliares de modalidade, ao processo predicativo desenhado em qualquer verbo — afectam, na verdade, todo o EN por força das conexões nele instauradas por V.

6.1.1. O estado de coisas apreendido como processo em V pode ser modificado por auxiliares adjuntos de modalidade (*dever, poder, querer...*). A modificação veiculada por tais lexias verbais tem como escopo imediato V (sobre que incidem) mas atinge todo o EN, que modaliza. A mensagem nele carregada fica, assim, globalmente conectada à subjectividade do locutor, traduzindo, de acordo com a configuração sémica de cada auxiliar, o seu juízo, a sua avaliação, a sua vontade... em suma, revelando uma dada atitude proposicional.

6.1.2. O mesmo se dirá de verbos cujo semantismo comporta ou envolve traços de modalidade²², permitindo inscrever no EN uma

²² Vejam-se os eixos modais estabelecidos em POTTIER, B., *Linguistique Générale. Théorie et Description*, Paris, 1974.

«visão» específica do sujeito da enunciação. Referir-me-ei, a título ilustrativo, apenas aos verbos que comportam ou envolvem um julgamento de tipo avaliativo (*apreciar, detestar, acusar, criticar, censura...*). Todos estes verbos desenham em competência uma mais ou menos complexa «estrutura de papéis» (que se congrega com a estrutura actancial) fortemente actuante no recorte do seu semantismo e na sua projecção adequada em discurso. Como elementos constantes dessa estrutura de papéis surgem-nos, para além do julgamento em termos de *bom/mau* ou *verdadeiro/falso*, uma fonte da avaliação (sujeito da enunciação, com o qual pode coincidir o sujeito do enunciado) e um objecto da avaliação (o próprio processo significado em V ou, mais correntemente, um ou dois dos seus complementadores).

a) Relativamente complexa é a estrutura de papéis desenhada pelos verbos de julgamento explorados, em trabalho hoje já clássico, por Ch. J. Fillmore²³. Não será necessário retomar aqui a análise proposta pelo Autor. Interessa, antes, assinalar o alargamento particular da centralidade de V no EN que advém do facto de o semantismo de tais verbos não apenas marcar, decisivamente, através de elementos explicitamente «postos» e de elementos pressupostos (e da rede de conexões entre eles entretecida), o todo do complexo significativo retido nos ENs sobre eles construídos, mas também definir condições preponderantes do uso adequado desses mesmo ENs. É, pois, particularmente nítido o domínio exercido por estes verbos sobre a configuração interna do EN e sobre a sua projecção em discurso de modo apropriado numa dada situação de comunicação.

b) A avaliação que os verbos considerados na alínea anterior comportam tem sido situada preferentemente no domínio das presunções.

Há, porém, verbos que requerem a plena explicitação do juízo avaliativo que envolvem. É o caso de alguns verbos transitivos predicativos (*achar, julgar, considerar...*). Estes verbos, como todos os que se definem como transitivos-predicativos²⁴ *consignificam*, para

²³ FILLMORE, CH. J.; «Verbs of Judging: An Exercise in Semantic Description», in FILLMORE, CH. J.; LANGENDOEN, D. T.; (eds.), *Studies in Linguistic Semantics*, Londres/N. York, 1971.

²⁴ Neste domínio haverá efectivamente que distinguir entre os verbos que se definem como transitivos-predicativos em competência e os que, em discurso, aceitam projectar-se como tais. FONSECA, J., *ob. cit.*

além do actantex e do actante₂ (complemento objecto directo ou indirecto) um termo predicativo (TP), de natureza nominal ou adjectival, e endossam-no ao actante₂, tornado Base de um processo predicativo desenvolvido no seio do sintagma verbal. No caso particular dos verbos em análise, o termo predicativo explicita o julgamento por eles suscitado.

As dimensões da centralidade de V no EN decorrentes da sua estrutura actancial (onde figura, como se acabou de referir, um termo predicativo e um processo de predicação particular desenvolvido no seio da unidade sintagmática instaurada por V) são aqui especificamente alargadas: o actante_{1?} sujeito do EN, é também a fonte da avaliação; o actante₂ é consignificado não apenas enquanto pólo de aplicação do processo configurado em V (seu objecto directo ou indirecto) mas ainda como suporte ou Base da predicação realizada pelo predicativo, e, logo, como objecto da avaliação; o termo predicativo, que é consignificado por V e por ele mais ou menos fortemente seleccionado, explicita a avaliação, acautelada a conveniência semântica entre o elemento que a realiza e o actante a que respeita ²⁵.

6.2. É sabido que o verbo é fonte privilegiada de pressuposições. Bastará evocar, para além das pressuposições ligadas ao aspecto, as que se originam nos verbos factivos, nos verbos implicativos, nos verbos que exprimem mudança de estado (alguns deles auxiliares aspectuais), nos verbos cuja semema comporta traços de natureza deíctica ²⁶.

Não se discutirá, obviamente, aqui a estatuto das pressuposições nem se atenderá aos seus tipos. Apenas interessa sublinhar o que advém à centralidade de V no EN da sua qualidade de pólo gerador de pressuposições. Direi, então, que as pressuposições deduzidas de V, aplicando-se embora eventualmente de modo particular a algum ou alguns dos seus complementadores, respeitam a todo o EN: elas constituem, por um lado, elemento de sentido do EN em bloco, e, por outro, condições basilares do seu uso apropriado numa dada situação de comunicação ²⁷. Nesta dupla perspectiva, as pressuposições

²⁵ Para uma análise mais desenvolvida das forças coesivas originadas nos verbos transitivos-predicativos ver FONSECA, J., *ob. cit.*

²⁶ Tenha-se também em conta o referenciado em 6.1.2a).

²⁷ Não se consideram aqui, obviamente, os casos de cancelamento das pressuposições quer por força de elementos que, no próprio co-texto (mesmo

originadas em V alargam e reforçam a centralidade deste elemento no EN²⁸.

6.3. Todo o EN desempenha, numa dada situação, uma função comunicativa específica. Sabemos que os correntemente chamados verbos performativos, actualizados na primeira pessoa (sinalizando, então, necessariamente um sujeito do enunciado coincidente com o sujeito da enunciação) do presente do indicativo, marcam explicitamente essa função.

Denominando o acto de discurso realizado pela sua enunciação, os verbos performativos alcançam um domínio particularmente vincado sobre o todo do EN que os contém, pois este resulta globalmente afectado (daí a sua denominação corrente de EN performativo explícito) à realização de tal acto. Por outro lado, exigindo cada acto de discurso condições particulares para a sua boa concretização, estas prendem-se necessariamente ao verbo performativo projectado — o que significa que dele decorre a especificação das condições que o EN deve ver satisfeitas para que tal acto se cumpra.

No seu uso performativo, os verbos em referência testemunham um momento privilegiado da inscrição da subjectividade na língua,

infra-EN) as bloqueiam quer por influxo de universos de saberes ou de crenças que as neutralizam ou invalidam. Anotar-se-á que entre os elementos que no próprio co-texto intra-EN bloqueiam pressuposições figuram justamente alguns verbos, que, desse modo, impedem que as pressuposições de um dado complementador de V se «projectem» em todo o EN, ou seja, que venham a contar como pressuposições de todo o EN. Ver KARTTUNEN, L., «Presuppositions of Compound Sentences», *Linguistic Inquiry*, 4.2 (1973) e MORHRUP, O., «Presuppositions, implications et verbes français», in *Revue Romane*, X (1975).²⁸ Nos verbos implicativos, quer positivos quer negativos (duplos ou simples— -e nestes os «Se-Verbos» e os «Só Se-Verbos»), haverá a considerar não apenas as pressuposições mas também as implicações. Esta dupla dimensão representa naturalmente um alargamento singular da centralidade que estes verbos obtêm nos ENs sobre eles construídos. Não se deixará de anotar que às pressuposições aspectuais e às que são geradas por verbos que exprimem mudança de estado se congregam também habitualmente implicações. Ver KARTTUNEN, L., «Implicative Verbs», *Language*, 47, 2 (1971) e «The Logic of English Predicate Complement Constructions», The Indiana University Linguistic Club, Bloomington, 1971; GIVÓN, T., «Forward Implications, Backward Presuppositions, and the Time Axis of Verbs», in KIMBAL, J. K. (ed.) *Syntax and Semantics*, I, N. York, 1972; MORDRUP, O., *ob. cit.*

ou, mais exactamente, da apropriação individual do dispositivo formal da enunciação, ao mesmo tempo que instituem marcados envolvimentos interpessoais. Todas estas dimensões se inscrevem no EN a partir de V: resulta, então, bem vincada a centralidade da lexia verbal naquela unidade linguística.

Nas mais das vezes, porém, como se sabe, a força ilocutória do EN não está explicitada em verbo performativo. Ainda aqui, o verbo desempenha um papel relevante, pois não raro a ele se liga a determinação, já não especificamente de dado acto, mas de certo *tipo* de acto. Pense-se no imperativo, que assinala regularmente um acto de tipo directivo (impositivo ou não impositivo), ou mesmo nas formas verbais que abrem uma perspectiva temporal de presente-futuro, perspectiva que convém, por exemplo, aos actos de tipo comissivo.

Em qualquer dos casos, é evidente a dimensão específica da centralidade de V no EN que então se projecta.

7. Ao verbo está indissolúvelmente ligada a definição de certos tipos e sub-tipos de EN — o que revela claramente mais uma via por que se afirma a centralidade de V nesta unidade linguística.

É o caso do EN imperativo, marcado justamente pelo imperativo do verbo sobre que se constrói.

É também o caso do EN correntemente dito passivo (nos seus diferentes sub-tipos) e, por arrastamento, do EN dito activo.

Incluo também aqui uma igualmente breve referência ao EN negativo. É conhecida a distinção básica entre negação de EN e negação de constituinte de EN. Interessa-nos aqui, naturalmente, a negação de EN. Neste caso, o verbo surge-nos imediatamente como o pólo de aplicação do morfema de negação, mas o escopo da negação é constituído pelo EN na sua globalidade. Chamando a si, imediatamente, a incidência da negação, que se estende, afinal, a todo o EN, o verbo apresenta-se também por esta via como pólo central da configuração semântico-sintáctica do EN.

8. Nas considerações desenvolvidas nos números anteriores, limitei-me ao quadro do EN. Sabemos, porém, que este quadro não se nos oferece rigorosamente como um dado natural: como escreve H. Weinrich, «il résulte d'un travail préalable: de construction, si l'on part des plus petites unités, de segmentation si Fon part des

plus grandes»²⁹. Embora plenamente legítimo, porque o exercício linguístico se deve obrigatoriamente conformar às estruturas formais da língua, onde avulta o EN, o quadro do EN deve dar o lugar ao quadro do Texto, pois este constitui, efectivamente, o signo linguístico originário. Tal suscita uma abordagem nova, irrecusável, de todos os fenómenos linguísticos: «Cest dans le cadre du texte que seront remplacés tous les problèmes linguistiques: phonème, monème (=morphème et lexème), syntagme seront étudiés à l'intérieur du texte»³⁰.

Servir-me-ei, embora de modo muito sumário, de uma perspectiva textual para complementar a análise da centralidade de V no EN. É que o Texto põe a descoberto, com grande nitidez, uma nova zona de indicações, de natureza enunciativo-pragmática, desse complexo singular de funções que V desempenha no EN.

Rendendo-me à forte atracção das propostas de H. Weinrich, assinalarei com ele os tempos verbais como signos (ou indicadores) privilegiados para marcarem no desenvolvimento textual a *atitude de locução* (comentário ou narração, ou soluções que os combinam), a *perspectiva de locução*, e a configuração de *planos narrativos* dentro do mundo contado.

Por esta via, e no quadro de uma Linguística Textual instrucional desenvolvida com vigor e sucesso por H. Weinrich, fica a descoberto uma nova dimensão da centralidade de V no EN, pois que por e com V todo o EN é afectado, num plano micro-estrutural, àquelas modalidades, e, numa óptica macro-estrutural, à configuração de estruturas globais intermédias do Texto.

Não se estranhará que no que se acaba de escrever se opere ao nível micro-estrutural de mistura com o nível macro-estrutural do Texto; tenha-se presente que, por um lado, o Texto se realiza necessariamente em ENs, e que, por outro, as macro-estruturas determinam as micro-estruturas e simultaneamente são por estas determinadas.

Joaquim Fonseca

Porto, Janeiro de 1986

²⁹ WEINRICH, H., *Le temps*, Paris, 1973 (trad. fr. de *Tempus*, Stuttgart, 1964), p. 11.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 13.